

Angela Ramos, Angélica Basthi,  
Carlos Humberto Silva Filho,  
Célia Regina Cristo de Oliveira,  
Giovana Xavier,  
Janete Santos Ribeiro,  
Marta Muniz Bento

“onde quer que você esteja, o que quer que você esteja fazendo, aprenda a amar. Porque no final do dia o amor é a única força transformadora a alterar a dominação”. bell hooks in <https://www.youtube.com/watch?v=PFdjd6x8AqA>, tradução livre de Kátia Costa Santos.

Essa lição, traduzida por Kátia Costa-Santos como legado-negra em 21 de março deste 2016, em um grupo de Intelectuais Negras de uma rede social, me foi ensinada por Azoilda ao longo de quase trinta anos de amizade, período no qual tive o privilégio de ser sua amiga-irmã, parceira na tecelagem de encontros em que a temática das relações étnico-raciais na educação teve centralidade. É sobre esta temática e a importância das lições-legado de Azoilda que tecerei esta colcha. Será tecida do lugar de amiga-irmã, parceira na vida e da vida em alguns dos fios soltos, deixados por ela em sua passagem por aqui. Mas, não a tecerei sozinha, pois que o legado de Zó à luta antirracista pressupõe coletividade. Aqui muitas mãos estiveram e estarão cosendo este manto ainda incompleto. Neste sentido, o que exporemos aqui é parcial, pois que fruto de um primeiro vasculhar na profundidade dos fios-Zó. Aprendemos com a ancestralidade que “não se testa a profundidade do rio com ambos os pés”. Zó-rio é profundo, necessita de múltiplas mãos para garimpar o sobrado que ficou debaixo das águas, onde os baús de retalhos e fios esperam nossas mãos tecelãs.

#### **AZOILDA, UMA INTELLECTUAL NEGRA DAS “BRECHAS”**

No dia 13 de setembro de 2015, Azoilda Loretto da Trindade fez a sua passagem para Orun (céu, na língua ioruba).

Quem foi Azoilda Loretto da Trindade? Para além da militância e da academia, uma professora, pois, seu desejo de menina transformou-se em realidade. Na busca constante por aprimoramento em prol da educação, cursou Pedagogia e Psicologia, fez Mestrado em Educação, na Fundação Getúlio Vargas, e tornou-se Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Profundamente comprometida com a transformação do ser humano em suas potencialidades efetivas, fez emergir sonhos submersos pelos espaços formais e não formais de educação. Atravessou diversas instituições, instituindo modos de ser, ver, sentir e interagir com a diversidade humana. Zó, Zozó, Zôzo, Azô, Hilda (quando não entendiam o seu nome), dentre tantas outras formas de ser chamada, marcou a vida de muita gente: dos anos iniciais às pós-graduações strictu e lato senso (em diversos territórios nacionais) e de profissionais que direta ou indiretamente trabalham com e pela Educação. Sendo carioca e criada em solo soteropolitano, escolheu a cidade maravilhosa como lugar de existência e resistência, assim como de construção da Pedagogia Brasilis, processo de articulação da potência

Fonte: Acervo TV Futura

# Azoilda Loretto da Trindade

## Afetos inscritos: Educação, Cuidado e Relações Raciais - O Legado de Zó



humana individual com as potencialidades humanas em diálogo. Conhecer a trajetória desta mulher, que dá nome a uma EDI (Escola de Desenvolvimento Infantil) é colocar seu legado político-pedagógico a serviço de uma educação de qualidade com formação em serviço aos profissionais e como exemplo para as crianças. Como fazer isto?

Escrevendo textos-convites ao mergulho de seu universo teórico-militante tem sido um modo e nos articulando com amigas e amigos, profissionais da educação, comunicação e militância negra, afetadas e afetados pelo cuidado e carinho de Azoilda, outro.

Sentimos-nos herdeiras e herdeiros de seu legado e buscamos ampliar o universo de conhecimento acerca da Pedagogia Brasilis, pensamento teórico-prático, deixado em fragmentos a serem tecidos. Para isto, propomos atividades que façam com que a Grande Educadora Azoilda seja vista a partir dos lugares nos quais ela lecionou, militou e construiu seu legado. Ouvir atores sociais destes espaços ampliará o conhecimento dialógico e instituinte deixado por Loretto. Lugares como IPCN, Jornal SINBA, Jornal Maioria Falante-Caderno de Educação, Universidade Gama Filho (Graduação), Fundação Getúlio Vargas (Mestrado), PUC-Rio (Doutorado inconcluso em Educação), UFRJ (Doutorado em Comunicação e Cultura), Faculdade de Formação de Professores da UERJ de São Gonçalo, Ciep Tancredo Neves, UNESA, Conservatório de Música, CEAP, IPEAFRO, Programa Salto para o Futuro da TVBrasil, Projeto a Cor da Cultura, Projeto Diálogo entre Povos, Laeser - Faculdade de Economia da UFRJ, dentre outros a navegar.

Esperemos que este texto possa dialogar com o seu legado, ampliando a construção de uma educação antirracista e acolhedora para todas as crianças e demais participantes de espaços formais e não formais de Educação e Cultura. Estamos dispostas (os) em fazer presentes os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros assim como os indígenas para que todo conhecimento do seu legado-ancestral possa fazer com que as violências simbólicas e físicas produzidas por nosso racismo sistêmico há mais de 500 anos sejam destruídas. E, como bem dizia a nossa Zô, que não seja retirado de nenhum ser humano a sua condição humana.

## PARA ALÉM DA LUTA ANTIRRACISTA - A LUTA PELA CONDIÇÃO HUMANA DE TODA PESSOA HUMANA

Muito criativa, a militante, doutora em Comunicação Social, criou várias frases que soam como lições. Lições que guardamos na memória e nos corações. “A invisibilidade é a morte em vida”. “Somos o que desejamos ser”. Autoexplicativas do rico legado que esta mulher nos deixou, tais frases colocam-nos o desafio de criar e ofertar práticas pedagógicas afinadas com a perspectiva da educação como prática da liberdade, originalmente pensada por Paulo Freire e ressignificada por feministas negras como Beatriz Nascimento, no Brasil, e bell hooks, nos EUA.

As contribuições de Azoilda colocam também um desafio que parece ser constante para pessoas negras, especialmente mulheres: a valorização de nossos saberes como libertadores. O reconhecimento das formas em que estamos e ocupamos o mundo sempre foi alvo da atenção de Azoilda. Esse cuidado é ilustrado por uma

“escrevivência” que ela redigiu em 2014, quando indagada se enquanto mulher negra poderia se considerar uma “intelectual negra”:

*Pensei inicialmente em investigar o que é Intelectual, nos dicionários e textos acadêmicos. Comecei e vi que é um campo enorme. Fiquei sem paciência!*

*Mas para nossa conversa, se ser intelectual é exercer a inteligência e a cognição... por que não seríamos intelectuais? Nesta perspectiva, nem precisamos de “estudo” para tal. Aff!*

*Outro aspecto é que esta intelectualidade pode ser múltipla como somos/sou e se expressar num canto, num poema, numa oração, numa dança, num texto acadêmico, num plano de aula, numa palestra, numa aula, na criação de uma criança, nos cuidados com a Vida...*

*Por outro lado, se pensar intelectualidade como exercício profissional... Somos e precisamos, neste território da intelectualidade profissional inundar o mundo com nossas ideias/ações transgressoras – conservadoras – múltiplas – plurais – criativas – nada neutras – nada higienizadas, mas também com esta possibilidade. ....*

*Outro ponto é a nomeação. Somos marcadas por nomes, rótulos, palavras que nos definem e redefinem: mulher, negra, preta, afro isto, afro aquilo, cis, nosso nome de registro... Alguns rótulos/nomes aceitamos, outros rejeitamos, outros negamos e outros resignificamos. Então por que não o rótulo/nome de Intelectual?.....*

*Somos Intelectuais Negras? Por que não? Eu, heim! Qual o problema em sermos? Qual a tensão? Somos pensantes e atuantes e ao ver, ouvir, conhecer mulheres que usam o intelecto com maestria, mulheres como Fernanda Felisberto, Marta Muniz Bento, Janete Santos Ribeiro, Giovana Xavier, Katia Costa-Santos, Julia Moraes, Fabiana Lima, Heloisa Pires Lima, Selma Maria da Silva, Laila Aurore, Lia Lima, Célia Cristo, Elaine Cristina Marcelina Gomes, Denise Marinho, Debora Almeida, Vanessa Andrade, Ana Paula Brandão, Ana Flávia Magalhães Pinto, Bia Onça, Luana Dias... queria citar todas mas...só posso dizer que SOMOS O QUE DESEJAMOS! ( depoimento publicado em um grupo fechado de uma rede social, onde cerca de 700 mulheres negras, de diversas territorialidades pensam e se expressam em primeira pessoa)*

Por conta de escritos como esse, eu, Janete Santos Ribeiro, em entrevista à jornalista e escritora Angélica Basthi, a identifiquei da seguinte forma:

Ela foi uma intelectual das brechas. No momento em que o cuidado e o carinho não eram uma questão para a academia, ela usou a pedagogia da sedução para isso. Ela radicalizou para tentar outra pedagogia, onde o diálogo com quem nos aproxima (e não com quem nos separa) é central. Mas não existe fórmula pronta. Precisa ser construído no diálogo horizontal (e não vertical). Como pensar isso coletivamente? Esse é o seu legado [...].<sup>1</sup>

## O CAMINHAR NAS “BRECHAS”

Ao longo de sua vida, Azoilda Loretto da Trindade dedicou-se ao estudo e à pesquisa de diversos campos: relações raciais, multiculturalismo crítico, História da África e Cultura afro-brasileira, psicanálise, constelação familiar. Em virtude de seus saberes interdisciplinares, a pedagoga constituiu uma biblioteca vastíssima, com aproximadamente quatro mil títulos, que abrangem diferentes áreas e outras.

Além desse fantástico acervo, seu envolvimento profundo com a educação infantil culminou na organização de uma biblioteca e uma brinquedoteca, ambas

<sup>1</sup> BASTHI, Angélica. “Azoilda Loretto da Trindade: uma intelectual das brechas”. Disponível em: <http://www.porta-lafricas.com.br/v1/azoilda-loretto-da-trindade-uma-intelectual-das-brechas/> Acesso: 03/03/2016.

voltadas para o trabalho com reeducação das relações raciais a partir do reconhecimento da importância do afeto nas práticas pedagógicas.

Todo esse legado precisa ser sistematizado e colocado a serviço das lutas de todas e todos nós para que possa, de fato, contribuir para o fortalecimento de ações de formação intelectual e de continuidade de seu fazer pedagógico que tem foco no diálogo entre povos, implicado na valorização de diferentes saberes e de combate ao racismo. Desta maneira, o grupo que recebeu a responsabilidade de encaminhar seu acervo pessoal, sistematizou etapas e critérios para garantir o bom uso e o compromisso para com esta proposta. O projeto vem sendo desenvolvido em etapas que versam entre o mapeamento de organizações interessadas e com condições de gerir estes conteúdos, montagem da biblioteca e implementação de novas práticas, adequadas ao conceito e contexto da biblioteca envolvendo comunidades leitoras e produtoras de conhecimentos através de formações pedagógicas, além da pesquisa e estudos dos mesmos.

### O “LEGADO DE ZOZÓ” QUEM SOMOS, O QUE QUEREMOS?

Somos um grupo de 13 amigas e amigos que se automeia *Legado de Zozó*, dos quais sete aparecem nos créditos da tessitura dos fios desta colcha. A denominação provém de relações de profundo amor e afeto que mantivemos com Azoilda. Após sua passagem, em conversas que realizamos, percebemos que, de formas distintas, ela foi uma figura marcante na vida de cada um (a) de nós. Dessa percepção compartilhada e alimentada pela saudade e pelo desejo de transformações sociais, assumimos para nós o compromisso de manter vivo seu legado intelectual e ativista, expressos não apenas em livros, textos, aulas e conferências, mas em teorias pedagógicas revolucionárias que Azoilda criou tais quais os *Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros e a Pedagogia Brasilis*, esta última, menina dos olhos, a quem ela dedicou atenção especial em seus últimos meses de vida. Estamos debruçadas sobre os fios soltos para a sistematização de ambas.

Ampliando os fios soltos aqui entrelaçados e expostos a novas possibilidades, deixamos para leitoras e leitores, fragmentos de nossa malunga ancestral: Azoilda Loretto da Trindade era Doutora em Comunicação e Cultura, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005) e Mestre em Educação, com área de concentração em Psicologia da Educação pela Fundação Getúlio Vargas - RJ (1994). Tinha graduação (Licenciatura) em Pedagogia pelo Instituto Isabel (1987); graduação em Psicologia (Licenciatura, Bacharelado e Formação de Psicóloga) pela Universidade Gama Filho (1982). Atuou como supervisora educacional - Secretária Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Foi professora da Universidade Estácio de Sá e do Conservatório Brasileiro de Música. Coordenadora da Instituição Projeto Diálogo entre Povos e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Identidades e Alteridades: Diferenças e Desigualdades na Educação. Atuou como consultora do Canal Futura, da TVE (Programa Salto para o Futuro) e do UNICEF, na função de Coordenadora Pedagógica do Projeto “A Cor da Cultura”. Zozó deixou vários livros e capítulos de livros organizados e publicados. Tinha vasta experiência na área de Educação, com ênfase em Currículo, Didática e

Prática de Ensino e Psicologia Educacional, atuando principalmente nos seguintes temas: afrodescendência, currículo e multiculturalismo (Informações coletadas do Lattes em 12/12/2015)

[Tratem] de escrever, pois sua potência também está aí, e ao escrever [vão] partilhando, areando, arrumando, fortalecendo. [Escrevam], amigas! E não [esqueçam] de respirar com intento.”(retirado de BASTHI, Angelica. “Azoilda Loretto da Trindade: uma intelectual das brechas”. Disponível em: <http://www.portalafricas.com.br/v1/azoilda-loretto-da-trindade-uma-intelectual-das-brechas/> Acesso: 03/03/2016.).

Em outras palavras, porque o mundo é um montão de gente, um mar de fogueirinhas e para que as fogueirinhas existam, queimem, sejam calmas ou tenham a intensidade capaz de incendiar outras pessoas, é fundamental a nossa afetividade. Porque afetividade tem relação direta com o influenciar e ser influenciado, potencializar, possibilitar. Porque afetividade está relacionada ao gostar de gente, propiciar encontros, contatos, afetos e afetações. Porque afetividade nos reporta ao corpo e porque o corpo são potências, possibilidades, amorosidade. A afetividade é uma manifestação corporal, uma expressão corporal fundamental para os encontros, contatos, para as expressões de desejos, pensamentos individuais e coletivos, de emoções as mais diversas, de sentimentos como amor, ódio, cuidado. Em síntese, a forma, a maneira como estou/sou no mundo afeta o mundo, as pessoas.

(Trecho de “Fragmentos de um discurso sobre afetividade”, de Zo, Saberes e fazeres, v.1 : modos de ver / coordenação do projeto Ana Paula Brandão. - Rio de Janeiro : Fundação Roberto Marinho, 2006 116p. : il. color. - (A cor da cultura), pp. 102-3.)

### REFERÊNCIAS

- BASTHI, Angelica. “Azoilda Loretto da Trindade: uma intelectual das brechas”. Disponível em: <http://www.portalafricas.com.br/v1/azoilda-loretto-da-trindade-uma-intelectual-das-brechas/>
- COATES, Ta-Nehise. Entre o mundo e eu; tradução Paulo Geiger, 1ª edição, Rio de Janeiro: Objetiva, 2015, 150p.
- EVARISTO, Conceição. “Da grafia desenho de minha mãe um dos lugares do nascimento da minha escrita”. Disponível em: <http://nossaescrivencia.blogspot.com.br/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-umdos.html>. Acesso: 01/03/2016.
- FREIRE, Ida Mara. “Tecelãs da existência”. Estudos Feministas, Florianópolis, n. 22, v. 2, mai-ago. 2014, pp. 565-584. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36545> Acesso: 03/12/2015.
- GOMES, Nilma Lino. A mulher negra que vi de perto, Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995, 198 p.
- GONÇALVES, Ana Maria. Um defeito de Cor, Rio de Janeiro: Editora Record, 2014, 10 edição, 951 p.
- HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade, São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- MEC - Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Relatora: Profª Dra. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. PARECER N.º: CNE/CP 003/2004.
- RATTS, Alex. “Antes tudo acontecesse como acontecem as histórias” e “É tão bom o retorno”. In: \_\_\_\_\_. Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz do Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza; Imprensa Oficial, 2006, pp. 17-23; 24-34. Disponível em <http://www.imprensaoficial.com.br/PortalIO/download/pdf/projetossociais/eusouatlantica.pdf> Acesso: 15/03/2016.
- TRINDADE, Azoilda Loretto da. “Fragmentos de um discurso sobre afetividade”. In: Caderno Modos de Brincar, 3 TMP. Disponível em: [http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/kit/Caderno1\\_ModosDeVer.pdf](http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/kit/Caderno1_ModosDeVer.pdf) Acesso: 09/03/2016.

**Sobre autoras e autores**

Angela Maria Parreiras Ramos - Professora da Rede Municipal do Rio de Janeiro, mestre em educação pela Unirio.

Angélica Basthi - Jornalista, ativista, escritora e mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ. É coordenadora de Comunicação da Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA).

Carlos Humberto Silva Filho - Professor de Geografia, Mestrando na UFRRJ, atuou como analista de Projetos - Mobilização e Articulação Comunitária no Canal Futura.

Celia Regina Cristo de Oliveira - Mestre em Ensino de Educação Básica (Mestrado Profissional) PPGEB/CAP-UERJ. Professora das séries iniciais do Ensino Fundamental (SME-Duque de Caxias).

Giovana Xavier - feminista negra interseccional, mãe e professora de História.

Janete Santos Ribeiro - Professora da EJA no ISERJ (Instituto Superior de Educação do RJ), Mestre em Educação pela UFF, militante na luta antirracista.

Marta Aparecida Muniz Bento - pós-graduada Lato Sensu em História, Literatura e Cultura Africana e Afro-Brasileira (UCB), docente em história na Prefeitura Municipal de Japeri, militante na luta antirracista no espaço escolar e coordenadora pedagógica do Projeto A Cor da Cultura.